

Prémio Goodreads  
para Melhor Romance

# A ILUSÃO DE MERIT

COLLEEN  
HOOVER

TOP  
SEL  
LER

N.º 1 do  
*New York Times*

*Este livro é para o Cale Hoover. Porque sou tua mãe e te adoro, tenho por vezes um desejo esmagador de te embrulhar num casulo e te proteger do mundo. Por outro lado, também tenho um desejo esmagador de embrulhar o mundo num casulo e de o proteger de ti. Isto porque, um dia, o vais virar de pernas para o ar.*

*Mal posso esperar, caramba!*

# Capítulo 1

Tenho uma coleção impressionante de troféus que não ganhei. A maioria comprada em lojas de artigos usados e em vendas de garagem. Dois deles do meu pai, de quando fiz 17 anos. Só roubei um.

O troféu roubado é provavelmente o de que menos gosto. Tirei-o do quarto do Drew Waldrup logo depois de ele acabar comigo. Namorávamos há dois meses e foi a primeira vez que o deixei enfiar a mão por baixo da minha blusa. Estava eu a usufruir da sensação agradável, quando ele olha para mim e diz: «Acho que já não quero namorar contigo, Merit.»

Lá estava eu, a desfrutar da mão dele na minha mama enquanto ele decidia que não queria tocar nela mais vez nenhuma. Saí estoicamente de baixo dele e levantei-me. Depois de alisar a blusa, fui à estante e peguei no maior troféu que ele lá tinha. Ele não disse uma única palavra. Achei que, se ele ia acabar comigo enquanto tinha a mão enfiada dentro da minha blusa, eu merecia um troféu.

Esse troféu do campeonato de futebol de bairro foi o primeiro da minha coleção. A partir daí, sempre que me acontece uma coisa

má, escolho troféus ao acaso em vendas de garagem ou lojas baratuchas.

Chumbar no exame de condução? Primeiro lugar em lançamento de peso.

Não me convidarem para o baile da formatura? Melhor elenco numa peça de um só ato.

O meu pai declara-se à amante? Equipa campeã da liga júnior.

Passaram-se dois anos desde que roubei aquele primeiro troféu. Agora tenho 12 troféus, embora me tenham acontecido muito mais do que 12 coisas más desde que o Drew Waldrup acabou comigo. Mas, é surpreendentemente difícil encontrar troféus descartados. Por isso estou aqui, na loja de antiguidades local, a apreciar o troféu de sétimo lugar num concurso de beleza que ando a cobiçar desde que o vi pela primeira vez há seis meses. Tem cerca de meio metro de altura e é de um concurso de 1972 em Dallas intitulado Botas e Belas.

Gosto dele por causa do título ridículo do concurso, mas adoro-o por causa da figura feminina folheada a ouro em cima do troféu. Tem um vestido de baile, uma tiara e um par de botas com esporas. Tudo nele é absurdo. Especialmente o preço de 85 dólares. Mas ando a poupar desde que lhe pus os olhos em cima e, finalmente, tenho dinheiro para o comprar.

Pego no troféu e dirijo-me para a caixa quando reparo num tipo que está no segundo piso da loja de antiguidades. Está debruçado sobre o corrimão, a olhar para mim. Tem o queixo apoiado casualmente numa mão, como se estivesse nessa posição há já algum tempo. Sorri-me assim que nos entreolhamos.

Sorrio também, o que não é nada típico em mim. Não sou de me meter com ninguém e não sou de certezinha capaz de retribuir quando se metem comigo. Contudo, o sorriso dele é simpático e ele nem sequer está no mesmo piso que eu, portanto, não me sinto ameaçada por potenciais embaraços.

— O que estás a fazer? — pergunta ele, em voz alta.

Naturalmente, olho para trás, a ver se a pergunta é para mim. Se calhar o tipo não está a olhar para mim e dirige-se a alguém atrás de mim. Porém, tirando uma mãe que veio corajosamente à loja de antiguidades com um rapazinho, não há mais ninguém nas proximidades. A mulher e a criança estão viradas para outro lado, portanto ele falou para mim.

Olho novamente para ele e reparo que continua a olhar para mim com o mesmo sorriso.

— Estou a comprar um troféu!

Acho que o sorriso dele me agrada, mas está longe demais para perceber se me sentiria atraída por ele. A autoconfiança é atraente por si só. Tem cabelo castanho-escuro mal cortado e torto, mas não o julgo, porque acho que não me penteio desde ontem de manhã. Tem vestida uma camisola de capuz cinzenta, com as mangas arregaçadas acima do cotovelo. Há tatuagens no braço em cuja mão apoia o queixo, mas não consigo distingui-las daqui de baixo. Daqui parece-me novo demais e tatuado demais para andar a ver antiguidades num dia de semana qualquer, mas quem sou eu para julgar? Eu devia estar nas aulas.

Viro-me e faço de conta que ando às compras, mas tenho noção de que continua a observar-me. Tento não ligar, mas, de vez em quando, olho para cima, a ver se ainda está lá. Está, sim.

Se calhar, trabalha na loja, e é por isso que continua ali, mas isso não explica por que razão insiste em olhar para mim. Se esta for a sua forma de engatar, é uma forma muito estranha. Infelizmente, sinto-me atraída pelo pouco convencional e estranho. Por isso, todo o tempo que estou dentro da loja faço de conta que ele não me afeta, quando, na realidade, me afeta e muito. Sinto o olhar dele a cada passo que dou. Os olhares não deviam ter impacto, mas saber que ele está de olho em mim pesa-me nos passos. Até me pesa no estômago.

Já olhei para tudo que a loja tem, mas não quero limitar-me a pagar e sair, porque ainda estou a apreciar este jogo, demasiado até.

Ando numa escola pequeníssima numa terrinha pequena. Quando digo pequena, estou a ser generosa. Há uma média de 20 miúdos em cada ano. Não é turma, é *ano*.

A minha turma inteira tem vinte e dois alunos. Doze raparigas e dez rapazes. Oito desses dez rapazes andam na escola comigo desde os meus 5 anos. Isto reduz bastante as opções de namoro. É difícil achar alguém atraente quando passámos juntos praticamente todos os dias da nossa vida, desde os 5 anos de idade.

Ora, não faço ideia de quem é este tipo que fez de mim o centro da sua atenção. Ou seja, já estou mais atraída por ele do que por qualquer pessoa na minha escola inteira, simplesmente por não o conhecer.

Paro num corredor que é visível de onde ele está, e faço-me interessada num dos dísticos em cima da prateleira. É uma tabuleta branca e velha com a palavra «VARÃO» escrita e uma seta para a direita. Dá-me vontade de rir. Ao lado tem um dístico velho que parece ser de uma bomba de gasolina que diz «LUBRIFICANTE». Faz-me pensar se alguém terá posto os dísticos sexualmente sugestivos juntos ou se foi mero acaso. Se eu tivesse dinheiro, comprava-os e começava uma coleção de dísticos sexualmente sugestivos para o meu quarto. Mas o meu hábito dos troféus já me fica suficientemente caro.

O rapazinho que anda na loja com a mãe está a pouca distância de mim. Parece ter 4 ou 5 anos. Deve ser da mesma idade que o meu maninho Moby. A mãe já lhe disse pelo menos dez vezes que não mexesse em nada, mas ele pega no porquinho de vidro que estava na prateleira diante de nós. Porque é que os miúdos são tão atraídos por coisas frágeis? Ele observa o porquinho com os olhinhos a brilhar. Eu aprecio que a curiosidade seja mais importante para ele do que obedecer às ordens da mãe.

— Mamã, posso levar isto?

A mãe está no corredor seguinte, a remexer em revistas velhas. Nem sequer se vira para ver o que ele tem na mão, só responde que não.

Os olhos do menino esmorecem logo, ele franze a testa e põe o porquinho na prateleira. No entanto, as mãozinhas atrapalham-se, o porquinho foge-lhe e estatela-se no chão aos seus pés.

— Não te mexas — digo eu, chegando lá antes da mãe. Agachome e começo a apanhar os cacos.

A mãe pega nele ao colo e pouso-o mais adiante para ele ficar longe dos vidros.

— Nate, eu disse-te que não mexesses em nada!

Olho para o menino, que olha para o vidro partido como se acabasse de perder o melhor amigo. A mãe leva a mão à testa, como se estivesse esgotada e frustrada, depois agacha-se e começa a ajudar-me a apanhar os cacos.

— Não foi ele — digo-lhe. — Fui eu.

A mulher olha para o menino e o menino olha para mim, como se não soubesse se lhe estou a pregar uma rasteira. Pisco-lhe o olho antes de ela se virar e acrescento:

— Não reparei no menino. Tropecei nele e deixei cair o porquinho.

Ela parece admirada, e talvez até um pouco culpada por pensar logo que tinha sido o filho.

— Oh — faz ela, e continua a apanhar comigo os cacos maiores. O homem que estava na caixa registadora quando entrei aparece de repente com uma pá e uma vassoura.

— Eu trato disto — diz, mas aponta para um dístico na parede que diz «SE PARTIR, TEM DE COMPRAR».

A mulher dá a mão ao menino e afasta-se. O menino olha para trás e sorri-me, o que faz valer a pena ter arcado com as culpas. Viro-me para o homem da vassoura:

— Quanto era?

— Custava 49 dólares, mas só te levo 30.

Suspiro. Já não sei bem se o sorriso do menino vale 30 dólares. Levo o troféu do concurso de beleza para o sítio dele e tiro um troféu muito mais barato e muito menos apelativo da prateleira. Levo-o

para a caixa e pago pelo porquinho escaqueirado e pelo meu primeiro lugar no bowling. Quando o homem me dá o saco e o troco, dirijo-me à porta. Quando vou a abri-la, lembro-me do tipo que me olhava da varanda do segundo piso. Olho para cima antes de sair da porta, mas ele já lá não está. Não sei porquê, mas isto faz-me sentir ainda mais cabisbaixa.

Saio da loja e atravesso a rua, dirigindo-me a uma das mesas perto da fonte. Passo a vida em Hopkins County, mas raramente venho à praça. Não sei porquê, visto que o meu amor por ela se consolidou quando instalaram os estranhos sinais de cruzamento. Os sinais mostram a imagem de um homem a atravessar a rua, mas este tem a perna muito alçada no ar, exagerada a ponto de parecer uma maneira de andar tola de um dos *sketches* humorísticos dos Monty Python.

Também há duas casas de banho que a Câmara mandou instalar há uns anos. São duas estruturas de vidro que do exterior parecem um cubo alto de espelhos mas de onde é possível ver tudo para fora. É perturbante que uma pessoa possa estar sentada na sanita, a tratar da sua vidinha, enquanto vê os carros a passarem. Porém, sou atraída por coisas incomuns, logo devo ser uma das poucas pessoas que se orgulha destas casas de banho estranhas.

— Para quem é o troféu?

*Por falar em ser atraída por coisas incomuns.*

O tipo da loja de antiguidades está ao meu lado, e posso confirmar que ele é mesmo atraente. Tem uns olhos de um tom azul único, que são a primeira coisa a destacar-se. Parece que não condizem com a pele cor de azeitona e o cabelo escuríssimo. Fico a olhar para o cabelo. Não sei se alguma vez vi um cabelo tão preto em alguém com olhos tão azuis. É um bocadinho inusitado. Pelo menos para mim.

Ele continua a sorrir-me como fazia da varanda da loja de antiguidades. Questiono-me se passará o tempo a sorrir. Espero bem



que não. Agrada-me a ideia de que talvez sorria para mim porque não consegue evitar. Ele aponta com a cabeça para o saco que tenho na mão, e lembro-me subitamente de que me fez uma pergunta sobre o troféu.

— Oh. É para mim.

Ele inclina a cabeça para um lado, admirado ou divertido. Não sei bem qual é, mas é-me indiferente.

— Colecionas troféus que não ganhaste?

Faço que sim com a cabeça e ele ri-se um bocadinho, mas em silêncio. Quase como se quisesse guardar o riso só para si. Depois, enfia as mãos nos bolsos de trás.

— Porque é que não estás nas aulas?

Não me tinha apercebido de que era assim tão óbvio que ainda andava no secundário. Largo o saco na mesa ao nosso lado e descalço as sandálias.

— Está um dia lindo. Não quis estar fechada numa sala de aula.

Avanço para a fonte de cimento, que não é propriamente uma fonte. É um bocado de cimento achatado no chão em forma de estrela. A água sai dos buracos em volta da estrela e jorra para o meio. Piso um dos buracos e fico à espera de que a água saia.

Estamos na última semana de outubro, já está frio para os miúdos brincarem na água como fazem no verão. Mas não está assim tanto frio que eu não possa molhar os pés. Gosto quando a água me chega às plantas dos pés. Como não tenho dinheiro para fazer uma pedicure, é o que se pode arranjar.

O tipo observa-me por momentos, mas, sinceramente, já estou a habituar-me. Começo a sentir que ele é a minha sombra pessoal, ligeiramente mais atraente. Não olho diretamente para ele quando o vejo descalçar-se. Vem para o meu lado e pisa um dos buracos.

Olho para o braço, para ver melhor as tatuagens. Tinha razão — só tem no braço esquerdo. O direito não tem uma única tatuagem visível. Porém, as tatuagens do braço esquerdo não são como eu

esperava. Estão ao acaso, sem relação, não se ligam entre si. Uma delas é uma torradeira pequenina com uma fatia de pão saliente. Está na parte de fora do pulso. Vejo um alfinete de ama perto do cotovelo. As palavras «É a tua vez, Doutor.» estão espalhadas pelo antebraço. Levanto o meu olhar e vejo que ele está a observar os próprios pés. Estou para lhe perguntar como se chama quando a água me chega inesperadamente ao pé. Rio-me e dou um passo trás, e ficamos os dois a ver a água jorrar para o meio.

A água chega ao pé dele a seguir, mas ele não reage. Olha para os pés até a água parar e passar para o buraco ao lado dele. Levanta os olhos, mas desta vez não sorri quando olha para mim. Há algo na seriedade da expressão dele que me dá um aperto no peito. Quando abre a boca para falar, absorvo cada palavra.

— De todos os lugares onde poderíamos estar, estamos aqui. Ao mesmo tempo.

A voz dele soa divertida, mas a sua expressão roça a perplexidade. Ele abana a cabeça e aproxima-se de mim. Levanta o braço tatuado e passa os dedos por uma madeixa do meu cabelo que se soltou. O gesto é íntimo e inesperado, como todo este momento, mas não me importo nada. Quero que ele o faça novamente, mas ele deixa cair os braços ao lado do corpo.

Não me ocorre momento algum em que tenham olhado para mim da forma como ele me olha. Como se o fascinasse. Sei que não nos conhecemos e que, seja lá o que for esta ligação, provavelmente ficará arruinada assim que tivermos a primeira conversa. Ele vai comportar-se como um idiota ou vai achar-me esquisita, depois o ambiente vai ficar constrangedor e não nos importaremos nada de seguir caminhos opostos. É desta forma que costumam correr as minhas interações com rapazes. Porém, neste momento, não conhecendo nada dele além da intensidade da sua expressão, permito-me imaginar que é perfeito. Faço de conta que ele é inteligente e respeitador e engraçado e artístico. Porque, se ele fosse o rapaz

perfeito, seria todas essas coisas. É-me suficiente imaginar que ele possui essas qualidades enquanto ele estiver aqui diante de mim.

Ele dá um passo para mim e, de repente, sinto que lhe engoli o coração, porque tenho batimentos a mais dentro do peito. Os olhos dele fixam-se na minha boca e tenho a certeza de que me vai beijar. Espero bem que sim. Coisa mais bizarra dado que apenas troquei algumas frases com ele, mas quero que me beije enquanto o imagino perfeito, porque isso significa que o beijo dele seria, provavelmente, também perfeito.

Os dedos dele são como uma pluma pelo meu pulso acima, mas sinto como se ele tivesse ambos os punhos a agarrar-me os pulmões. Os arrepios sobem-me pelo braço no encaixe dos dedos dele, até a sua mão descansar no meu pescoço.

Não sei como é que ainda me aguento de pé, com as pernas bambas que sinto agora. Tenho a cabeça inclinada para trás e a boca dele está a centímetros da minha, como se ele hesitasse. Sorri e sussurra-me:

— Tu enterras-me.

Não faço ideia do que estas palavras significam, mas agradam-me. Agrada-me como os lábios dele tocam suavemente nos meus, logo depois de falar. Eu tinha razão. É perfeito. Tão perfeito que parece um daqueles filmes antigos em que o protagonista põe a mão nas costas da mulher e ela curva o corpo para trás com a pressão do beijo dele, como a letra C, enquanto ele a puxa para si. Tal e qual.

Está a puxar-me para si quando a sua língua desliza pelos meus lábios. Tal como nos filmes, tenho os braços pendentes até perceber o quanto quero estar nisto com ele e, finalmente, começo a retribuir o beijo. Ele sabe a gelado de hortelã-pimenta e é perfeito, porque, assim como a sobremesa, também este momento fica bem alto na minha escala de favoritos. É quase cómico — este estranho a beijar-me como se fosse a última coisa da sua lista de desejos. Faz-me pensar no que o terá levado a fazer isto.

As suas duas mãos sobem para me envolver o rosto, como se não tivéssemos mais nenhum sítio onde estar. Ele não tem pressa com o beijo e não está minimamente preocupado com quem o vê, porque estamos no meio da praça da terra e duas pessoas já nos buzina-ram.

Ponho um braço em volta do pescoço dele e decido que o vou deixar continuar enquanto ele quiser porque, neste momento, não tenho sítio nenhum onde estar. Mesmo que tivesse, cancelaria os planos em troca disto.

No momento em que ele me passa uma mão pelo cabelo, a água salpica-me os pés. Solto um guinchinho porque é inesperado. Ele ri-se, mas não deixa de me beijar. Agora estamos a ficar ensopados, porque não tenho o pé a tapar bem o cano, mas nenhum de nós se importa. Só aumenta o quão ridículo este beijo é.

O toque do telemóvel dele acrescenta ainda mais ridículo ao momento, porque claro que tínhamos de ser interrompidos agora. Claro. Era perfeito demais.

Ele afasta-se e o olhar dele está, não sei como, saciado e esfomeado ao mesmo tempo. Tira o telemóvel do bolso e olha.

— Perdeste o telemóvel ou é piada?

Encolho os ombros porque não faço ideia de qual é a parte disto que ele acha ser uma piada. Eu deixá-lo beijar-me? Alguém ligar no meio do dito beijo? Ele ri-se um bocadinho e leva o telemóvel ao ouvido.

— Estou?

O sorriso foge-lhe e fica apenas com um ar confuso.

— Quem fala? — Ele aguarda uns segundos, tira o telemóvel do ouvido e olha para o ecrã. Depois, olha para mim. — A sério. É a gozar?

Não sei se fala comigo ou com a pessoa ao telemóvel, portanto, encolho os ombros outra vez. Ele leva o telemóvel ao ouvido e dá um passo atrás.

— Quem fala? — repete. Faz um riso nervoso e leva a outra mão à própria nuca. — Mas... tu estás aqui à minha frente.

Sinto a cor a sumir-se-me da cara ao ouvir esta frase. Toda a cor do meu corpo — neste momento ridículo com este tipo aleatório — fica numa poça aos meus pés, fazendo-me sentir uma cópia de segunda categoria da Honor Voss. A minha irmã gémea. A rapariga que está, obviamente, do outro lado deste telefonema.

Tapo a cara com a mão e viro-me, pego nas sandálias e no saco. Espero ganhar o máximo de distância possível entre nós, antes de ele perceber que a rapariga que acabou de beijar não é a Honor.

Não posso crer que isto me esteja a acontecer. Acabei de beijar o namorado da minha irmã.

Claro que não foi de propósito. Tinha a sensação de que ela tinha começado a namorar com alguém, porque tem saído bastante mas, de todos os tipos no mundo, como é que eu ia adivinhar? Continuo a afastar-me depressa, mas não consigo chegar longe o suficiente e já o ouço a correr atrás de mim.

— Ouve! — diz ele.

Por isso é que estava a olhar para mim na loja. E por isso é que perguntou porque é que eu não estava nas aulas, porque, se conhece a Honor a ponto de a beijar, sabe que ela nunca faltaria às aulas.

Agora tudo faz sentido. Não foi uma ligação qualquer entre estranhos. Foi ele a confundir-me com a namorada, e eu a ser uma completa tola por não perceber imediatamente o que estava a acontecer.

Sinto a mão dele no meu ombro. Não tenho alternativa senão virar-me e encará-lo, porque tenho de deixar bem claro que a Honor nunca pode vir a saber disto. Quando nos entreolhamos, ele já não me olha como se eu o fascinasse. Olha para o telemóvel, para mim, para o telemóvel e depois diz:

— Lamento muito. Achei que eras...

— Achaste mal — interrompo logo, embora tenha sido um equívoco normal.

Eu e a Honor somos idênticas, mas, se ele conhecesse bem a minha irmã gémea, deveria saber que ela não sairia à rua nestes preparos.

Não estou maquilhada, tenho o cabelo numa lástima e estou a usar a mesma roupa de ontem.

Ele enfia o telemóvel no bolso, mas este volta a tocar. Quando o tira de lá, vejo o nome da Honor a piscar no ecrã. Tiro-lhe o telemóvel e passo o dedo pelo ecrã.

— Então?

— Merit? — A Honor ri-se. — O que se passa? Porque é que estás com o Sagan? — *Sagan? Até o nome é perfeito.*

— Não estou, só... tropecei nele. Ele pensou que eras tu, mas depois ligaste e... digamos que ficou confuso. — Digo isto tudo a olhar de frente para o Sagan. Ele continua a fitar-me e nem sequer tenta tirar-me o telemóvel. A Honor ri-se outra vez.

— Que giro. Quem me dera ter visto a cara dele.

— Foi impagável — afirmo, categórica. — Mas já devias ter avisado o teu namorado de que tens uma irmã gémea.

Passo o telemóvel ao Sagan. Retrocedo uns passos, enquanto ele segura o telemóvel, incapaz de desviar o olhar.

— Não lhe contes o que aconteceu — digo num sussurro. — A ninguém. Jamais.

Ele faz que sim com a cabeça, apesar de hesitante. Assim que tenho a confirmação de que ele não vai contar isto à Honor, viro costas e vou-me embora. Não há nada que possa superar este nível de vergonha. Nada.

# Capítulo 2

Sou tão parva.

Mas, Deus, foi tão belo e inesperado. A intensidade dele apanhou-me desprevenida mas, assim que me beijou, rendi-me. Ele sabia a hortelã-pimenta e estava tão quente que, quando a água nos molhou e criou uma sobrecarga sensorial, desejei ter uma overdose. Eu queria tudo. Queria sentir tudo. Aquele beijo inesperado fez-me sentir viva pela primeira vez em... na verdade, não sei bem se alguma vez me senti assim.

Por isso é que não me apercebi de que ele pensava estar a beijar a Honor. Embora aquele beijo ao acaso tenha significado muito para mim, para ele não foi nada. Provavelmente, é sempre assim que ele beija a Honor.

Isto confunde-me, porque ele pareceu-me... saudável. O que normalmente não faz o estilo da Honor.

*Por falar na Honor.*

Ligo o pisca e pego no telemóvel ao segundo toque. É esquisito ela ligar-me. Nunca telefonamos uma à outra. Quando chego ao sinal de stop, atendo e digo ociosamente:

— Então?

— Ainda estás com o Sagan? — pergunta ela.

Fecho os olhos e solto um bocadinho de ar — que desde aquele beijo me tem faltado.

— Não.

Ela suspira.

— Esquisito. Ele agora não me atende. Vou tentar outra vez.

— Está bem.

Estou para desligar quando ela diz:

— É verdade, porque é que não estás nas aulas?

Suspiro.

— Não me estava a sentir bem.

— Ah. Está bem. Até logo.

— Honor, espera — digo, antes que ela termine a chamada. — Passa-se... alguma coisa com o Sagan?

— A que te referes?

— Tu sabes. Estás com ele porque ele... está a morrer?

Fica em silêncio, por momentos. Depois ouço-lhe a irritação na voz, quando responde:

— Credo, Merit. Claro que não. Consegues ser mesmo cabra, às vezes.

A chamada terminou. Olho para o telemóvel.

Não era minha intenção insultá-la. Estou genuinamente curiosa em saber se é por isso que ela namora com ele. Ela não teve um único namorado com uma esperança de vida normal desde que começou a namorar com o Kirk, aos 13 anos. Continua desgostosa pela forma como essa relação a deixou magoada.

O Kirk era bom rapaz. Trabalhava numa quinta, conduzia um tractor, embalava feno, sabia mexer num disjuntor e, uma vez, até consertou a transmissão de um carro que nem o meu pai sabia consertar.

Cerca de um mês antes de fazermos 15 anos, e duas semanas depois de a Honor perder a virgindade com o Kirk, o pai dele encontrou-o



caído no meio do pasto, meio desmaiado e a sangrar. O Kirk tinha caído do trator e o trator passou por cima dele, ferindo-lhe o braço direito. A lesão não era mortal, mas, quando estava a ser tratado, o médico quis saber porque é que o Kirk teria caído do trator. Na verdade, o Kirk tivera um ataque por causa de um tumor que lhe estava a crescer no cérebro. «Possivelmente desde tenra idade», dissera o médico.

O Kirk viveu mais três meses. Durante estes três meses, a minha irmã raramente saiu do lado dele. A Honor foi a primeira e a última rapariga que ele amou, e a última pessoa que o Kirk viu antes do seu último suspiro.

A Honor ficou com um problema grave em consequência de o seu primeiro amor morrer de um tumor que lhe crescia no cérebro, possivelmente desde a infância. Tornou-se quase impossível para ela amar alguém com uma saúde e longevidade normais. Passa a maioria dos dias e das noites na Internet, em salas de chat para gente com doenças terminais, a apaixonar-se loucamente por rapazes que têm uma esperança de vida média de seis meses ou menos.

Embora a nossa terrinha seja pequena demais para dar à Honor um vasto leque de pretendentes doentes, Dallas fica a menos de duas horas de carro. Com a quantidade de hospitais dedicados a doenças terminais, houve pelo menos dois rapazes perto o suficiente da Honor. A Honor fez-lhes companhia nas suas últimas semanas neste mundo, determinada a ser a última pessoa que eles viam e a última rapariga que amavam antes do seu último suspiro.

Sabendo da obsessão dela em ser eternamente amada por doentes terminais, estou curiosa quanto ao que a atraiu neste Sagan. Com base no seu historial de namoros, acho que é legítimo da minha parte deduzir que ele está nas últimas. Mas, aparentemente, essa dedução faz de mim uma cabra.

Entro no acesso a casa, aliviada por estar sozinha. Se não contarmos com a residente permanente na cave. Pego no saco com o troféu

dentro. Se soubesse na loja de antiguidades que estava prestes a passar pelo acontecimento mais humilhante dos meus 17 anos, teria comprado todos os troféus. Teria de usar o cartão de crédito do meu pai para emergências, mas teria valido bem a pena.

Olho para o letreiro enquanto atravesso o terreno. Não há um único dia, desde que nos mudámos para cá, em que o meu irmão Utah não atualize o letreiro com a mesma prontidão e precisão que confere a todos os outros aspetos da sua vida.

Acorda aproximadamente às 6h20 da manhã, todos os dias, toma duche às 6h30, faz dois batidos verdes, um para ele e outro para a Honor às 6h55, todas as manhãs (se ela não os fizer primeiro). Às 7h10 está vestido e vai ao letreiro atualizar a mensagem diária. Aproximadamente às 7h30 da manhã dá ao nosso maninho um irritante sermão de incentivo e sai para as aulas ou, se for fim de semana, sai para o ginásio para treinar, onde anda durante quarenta e cinco minutos no nível cinco da passadeira, fazendo depois cem flexões e duzentos abdominais.

O Utah não gosta de espontaneidade. Apesar de ser um lugar-comum, o Utah não espera o inesperado. Só espera o esperado. Não gosta do inesperado.

Não gostou quando os nossos pais se divorciaram, há vários anos. Não gostou quando o nosso pai voltou a casar-se. Não gostou mesmo nada quando nos disseram que a nossa madrastra estava grávida.

Porém, ele gosta verdadeiramente do nosso meio-irmão, o resultado da dita gravidez. É difícil não gostar do Moby Voss. Não devido à sua personalidade propriamente dita, mas porque ele tem 4 anos. Toda a gente gosta de crianças de 4 anos.

Hoje, a mensagem do letreiro diz: «Não podes murmurar com o nariz fechado.»

É verdade. Experimentei fazê-lo quando li o letreiro esta manhã, e até volto a experimentar quando avanço para as portas duplas de cedro da nossa casa.

Posso dizer, com toda a certeza, que moramos no domicílio mais incomum de toda a nossa terra. Digo *domicílio* porque não é de toda uma casa. Dentro deste domicílio estão sete dos ocupantes mais incomuns. Ninguém poderia adivinhar, olhando de fora, que a família de sete tem um ateu, uma destruidora de lares, uma ex-mulher que sofre de um caso grave de agorafobia e uma adolescente cuja obsessão bizarra roça a necrofilia.

Tudo isto seria igualmente impossível de concluir visto do *interior* do nosso domicílio. Nesta família temos muito jeito para guardar segredos.

O domicílio situa-se à beira de uma estrada numa terrinha microscópica do norte do Texas. O edifício onde moramos já foi a igreja com mais fiéis desta pequena terra, mas é o nosso domicílio desde que o meu pai, Barnaby Voss, adquiriu a incipiente igreja e fechou portas aos paroquianos, por tempo indeterminado. Está explicado porque temos um letreiro no terreno da frente.

O meu pai é ateu, mas não foi por isso que decidiu comprar este lugar de culto endividado e arrancá-lo às mãos do povo. Não, Deus não teve voto na matéria.

Ele comprou a igreja e fechou portas simplesmente porque odiava vigorosamente, veementemente, indubitavelmente, o cão do pastor Brian e, conseqüentemente, o pastor Brian.

O *Wolfgang* era um enorme labrador preto, com um tamanho e um latido impressionantes mas com uma grande falta de bom senso. Se classificássemos os cães em grupinhos de escola secundária, o *Wolfgang* seria, garantidamente, líder dos desportistas. Um cão barulhento e desagradável que passava, no mínimo, sete das oito preciosas horas de sono de que o meu pai precisava todas as noites a ladrar sem fim.

Há uns anos, tivemos a infeliz distinção de sermos vizinhos do *Wolfgang*, quando morávamos na casa atrás da igreja. A janela do quarto dos meus pais dava para as traseiras da igreja, que também

servia de pista ao *Wolfgang*, onde ele cavalgava com regularidade, especialmente nas horas em que o meu pai preferia que o *Wolfgang* estivesse a dormir. Ora, o *Wolfgang* não gostava que mandassem nele, muito menos que o mandassem dormir. Aliás, fazia exatamente o contrário do que queriam que ele fizesse.

O pastor Brian tinha comprado o *Wolfgang* ainda ele era um cachorrinho, menos de uma semana depois de um grupo de adolescentes locais lhe assaltar a igreja e roubar o dízimo da semana. O pastor Brian achou que um cão iria impedir futuros assaltos. No entanto, o pastor Brian percebia pouquíssimo de como educar um cão, muito menos um cão com o intelecto de um futebolista do secundário. Por conseguinte, no primeiro ano de existência do *Wolfgang*, o cão teve muito pouca interação com pessoas para além do dono. Tendo em conta que o *Wolfgang* deixava muito a desejar no que tocava ao intelecto e à interação, toda aquela energia e curiosidade ilimitadas foram canalizadas unicamente para a desprevenida e possivelmente inocente vítima que ocupava a propriedade diretamente atrás da igreja. O meu pai, Barnaby Voss.

O meu pai já não era fã do *Wolfgang* desde que se conheciam. Proibiu-me a mim e aos meus irmãos de interagirmos com o cão, e não era invulgar ouvirmos o meu pai ameaçar em voz baixa que matava o *Wolfgang*. E a plenos pulmões também.

O meu pai até pode não ser crente em Deus, mas acredita piamente no karma. Por mais que fantasiasse em matar o *Wolfgang*, não queria a morte de um animal a pesar-lhe na consciência. Mesmo que esse animal fosse o pior que ele já tivesse conhecido.

O *Wolfgang* nutria por ele os mesmos sentimentos, ou assim achávamos nós, pois passava grande parte da vida a ladrar e a rosar ao meu pai, sem ligar ao facto de ser dia ou noite, dia útil ou fim de semana, apenas ocasionalmente distraído por um esquilo transviado.

O meu pai experimentou de tudo, ao longo dos anos, para pôr fim ao assédio incessante. De tampões para ouvidos a ultimatoss,

a ladrar também para o *Wolfgang* durante três horas seguidas, após uma noite de sexta-feira com três copos a mais do que o habitual copo de vinho. Experimentou todas estas coisas, em vão. Aliás, o meu pai estava tão desesperado por uma noite de sossego que passou um verão inteiro a tentar fazer amizade com o *Wolfgang*, na esperança de que este parasse de ladrar.

Mas não.

Não havia nada que desse resultado e, pela amostra junta, nunca haveria nada, porque o pastor Brian preocupava-se muito mais com o *Wolfgang* do que com o seu vizinho, Barnaby Voss. Infelizmente para o pastor Brian, a sua igreja incipiente atingira um mínimo financeiro histórico, ao passo que o concessionário do meu pai e a sua sede de vingança estavam em altas.

O meu pai fez uma proposta que o banco não pôde recusar e o pastor Brian não conseguiu angariar fundos para a igualar. Também ajudou que o meu pai tivesse proposto um belo negócio, que envolvia a aquisição de um *Volvo* usado, ao empregado bancário encarregue da hipoteca da igreja.

Quando o pastor Brian anunciou aos paroquianos que perdera uma guerra de propostas com o meu pai, e que o meu pai fecharia as portas aos fiéis e mudaria a família toda para viver na igreja, a nossa família passou a dar pano para mangas aos mexericos. Desde então, não têm diminuído.

Depois de assinar os documentos há quase cinco anos, o meu pai deu ao pastor Brian e ao *Wolfgang* dois dias para evacuarem as instalações. Demoraram três. Na quarta noite, depois de a nossa família se mudar para a igreja, o meu pai dormiu 13 horas de uma assentada.

O pastor Brian viu-se obrigado a mudar o local dos sermões de domingo, mas, com intervenção divina do seu lado, não demorou mais de um dia a encontrar um local alternativo. Reabriu uma semana mais tarde, num celeiro remodelado de um diácono, que

servia para guardar a sua coleção de tratores. Nos primeiros três meses, os paroquianos sentaram-se em fardos de palha, enquanto o pastor Brian pregava de um estrado improvisado feito de contraplacado e paletes.

Durante seis meses inteirinhos, o pastor Brian fez questão de rezar publicamente pelo meu pai e pela sua alma penada, todos os domingos antes de dar a missa por terminada. «Deus queira que ele veja o erro que cometeu», oravam o pastor Brian e os paroquianos, «e que nos devolva o nosso lugar de culto... a um preço comportável».

Esta notícia, de estar no topo da lista de orações do pastor Brian, era perturbante para o meu pai, pois não sentia que tivesse alma, muito menos uma alma penada. De certeza que não queria os paroquianos a rezarem pela dita.

Aproximadamente sete meses depois de transformarmos a antiga igreja em residência da família, o pastor Brian foi visto a conduzir um *Cadillac* descapotável novinho em folha para ele. No domingo seguinte, Barnaby Voss, por coincidência, já não constava das orações passivo-agressivas do pastor Brian.

Eu estava no concessionário no dia em que o meu pai e o pastor Brian fizeram o negócio. Era muito mais nova, mas lembro-me disso como se fosse ontem.

— Você deixa de rezar pela alma que eu não tenho e eu desconto-lhe duas milenas daquele *Cadillac* encarnado.

Já se passaram vários anos desde que algum de nós teve de ouvir o *Wolfgang* a ladrar de noite, e vários anos desde que o meu pai acordava maldisposto de manhã. A nossa família fez grandes remodelações dentro da igreja, mas ainda há três elementos que impedem a residência de deixar de ser o lugar de culto de outrora.

1.º Os vitrais.

2.º A estátua de Jesus Cristo com dois metros e meio de altura, pendurada na parede oriental.

3.º O letreiro da igreja no relvado da frente.

O mesmo letreiro que permanece à frente da casa tantos anos volvidos, muito depois de o meu pai mudar o nome em cima do letreiro de «Igreja Luterana da Encruzilhada» para «Dólar Voss».

Ele escolheu chamar «Dólar Voss» à casa porque a igreja está dividida em quatro partes, como o dólar. O nosso apelido é Voss. Quem me dera que houvesse uma explicação mais inteligente.

Abro a porta do domicílio e entro no Quarto Um. Consiste na antiga capela, transformada numa sala de estar e numa cozinha amplas, ambas remodeladas para nova serventia, tirando a estátua com dois metros e meio de Jesus Cristo na cruz, ainda pendurada na parede oriental da sala. O Utah e o meu pai trabalharam que se fartaram um verão para desmontar a estátua com dois metros e meio de altura, mas em vão. Parecia, após dias de tentativas goradas para O tirar da parede da sala, que a cruz de Jesus Cristo era parte integrante da estrutura do edifício e que não poderia ser removida sem remover totalmente a parede oriental.

Ao meu pai não agradava a ideia de perder uma parede inteira. Gosta do ar livre, mas é um grande defensor de que o ar livre e o interior devem permanecer segregados. Assim sendo, tomou a decisão de que o Jesus Cristo de dois metros e meio teria de ficar.

— Dá um bocadinho de caráter ao Quarto Um — disse ele.

É ateu, ou seja, a decoração na parede pouco ou nenhum significado lhe merece. Uma decoração de parede onde o ponto focal é um Jesus com dois metros e meio de altura. Não obstante, eu faço questão de garantir que Jesus Cristo é trajado em conformidade com cada feriado. Por isso é que a estátua de Jesus Cristo com dois metros e meio está atualmente coberta com um lençol branco. Está mascarado de Espírito Santo.

O Quarto Dois, que a dada altura consistiu em três salas de catequese, ganhou paredes desde então e está dividido em seis quartos de dormir bastante pequenos, que só têm tamanho para uma criança, uma cama de solteiro e uma cómoda. Eu e os meus três irmãos

ocupamos quatro dos seis quartos. O quinto é um quarto de hóspedes e o sexto serve de escritório ao meu pai. Escritório esse que nunca o vi utilizar.

O Quarto Três é o antigo refeitório transformado em quarto de casal. É onde o meu pai dorme que nem um justo todas as noites, durante pelo menos oito horas, com a Victoria Finney-Voss. A Victoria mora na Dólar Voss há aproximadamente quatro anos e dois meses. Três meses antes da oficialização do divórcio do meu pai com a minha mãe e seis meses antes do nascimento do quarto, e esperemos que último, filho do meu pai, o Moby.

O último quarto da Dólar Voss, o Quarto Quatro, é o mais isolado e controverso dos quatro quartos.

A cave.

Está organizado praticamente como um apartamento, que consiste numa casa de banho com chuveiro, uma cozinha minúscula, uma pequena sala de estar com um sofá, uma televisão e uma cama de casal.

A minha mãe, a Victoria Voss, não confundir com a atual mulher do meu pai com o mesmo nome, ocupa o Quarto Quatro. É lamentável que o meu pai se tenha divorciado de uma Victoria para se casar imediatamente com outra, mas menos lamentável do que o facto de ambas as Victorias ainda morarem na Dólar Voss.

O amor do meu pai pela atual Victoria Voss não foi propriamente uma relação de rescaldado, foi mais uma sobreposição, e é esse o maior ponto de discórdia entre os três adultos.

É raro a minha mãe, a Vicky, sair dos seus aposentos no Quarto Quatro, mas toda a gente sente a sua presença. No entanto, a Victoria, a atual mulher do meu pai, é quem sofre mais com o presente acordo residencial. Desde o dia em que se mudou para a Dólar Voss que não lhe agrada que a minha mãe ocupe o Quarto Quatro.

Tenho a certeza de que é difícil viver numa casa com o marido e a sua ex-mulher. Mas não será certamente mais difícil do que foi



para a minha mãe doente com cancro descobrir que o meu pai andava a dormir com a sua enfermeira oncológica.

Ora, isto foi há vários anos, eu e os meus irmãos já superámos as falhas que o meu pai teve com a nossa mãe.

Na verdade, não superámos. Nada.

Seja como for, demorou todos estes anos para que a Dólar Voss fosse remodelada e modernizada para albergar toda a família Voss, mas podemos considerar o meu pai uma pessoa paciente.

Apesar de tudo isto, a família Voss parece uma família normal, e a Dólar Voss parece-se bastante com uma residência normal, tirando os vitrais, a estátua na parede e o letreiro da igreja.

O pastor Brian atualizava fielmente o letreiro todos os sábados, com citações inteligentes, como por exemplo «NÃO TENHAS A MENTE TÃO ABERTA QUE TE CAIAM OS MIOLOS» OU «SERMÃO DESTA SEMANA: CINQUENTA SOMBRAS DE ORAÇÃO».

Por vezes, fico a pensar no que as pessoas da terra dirão quando passam de carro e leem os factos e as citações diárias do Utah. Como ontem, em que se podia ler «A CARA DA MEDALHA DO PRÊMIO NOBEL DA PAZ MOSTRA TRÊS HOMENS NUS».

Ocasionalmente acho graça, mas, regra geral, fico só embaraçada. A maioria dos residentes desta terrinha já acha que não nos enquadrámos, a morar nesta igreja antiga. Os nossos atos só servem para reforçar esses sentimentos. Acho que o meu pai até fez um esforço para se integrar, no ano passado, e para que a nossa residência parecesse mais casa do que igreja. Passou duas semanas a instalar uma cerca de ripas brancas à volta do terreno.

A cerca de ripas brancas não serviu o seu propósito original. Agora parece apenas que moramos numa antiga igreja, rodeada por uma cerca de ripas brancas que não condiz com o resto. Contudo, nota máxima pelo esforço.

Vou para o meu quarto e fecho a porta. Deixo o saco no chão ao pé da cama e deito-me nela. São quase três da tarde, ou seja, o Moby

e a Victoria estão quase a chegar. Depois chegam a Honor e o Utah. Depois o meu pai. Depois temos jantar de família. Ai, que alegria.

Hoje já foi demais. Não sei se aguento muito mais.

Vou à casa de banho e procuro medicamentos para dormir nas gavetas. Não os tomo se não estiver doente, mas a única coisa que me ocorre agora, para passar a noite sem a obsessão do beijo com o namorado da Honor, são uns golinhos do medicamento para a gripe, que costuma deixar-me sonolenta. É precisamente o que encontro debaixo do lavatório.

Tomo uma dose e envio uma SMS ao meu pai, quando volto ao quarto e me meto na cama.

Não me sinto bem. Saí da escola mais cedo e vou deitar-me. Provavelmente não janto.

Tiro o som ao telemóvel e ponho-o debaixo da almofada. Fecho os olhos, mas isso não me impede de deixar de ver o Sagan à minha frente. Eu e a Honor já não somos tão próximas como antigamente, por isso não admira que eu não soubesse do namorado novo. Reparei que ela tem saído mais do que o costume, mas nunca perguntei porquê. Tanto quanto sei, ela nunca o trouxe a nossa casa, pelo que eu não fazia ideia de quem ele era, quando o vi hoje.

Se tivesse visto a cara dele antes do incidente na praça da terra, poderia ter evitado todo aquele embaraço. Saberria quem ele era imediatamente. Se ele tiver um mínimo de decência, há de acabar com ela e nunca pôr os pés nesta casa. Não é que estejam apaixonados. Mal se conhecem, só se passaram umas semanas. Ninguém no seu juízo perfeito se mete entre irmãs. Muito menos gémeas.

Por outro lado, duvido que ele queira sequer algo comigo. Sei que foi um equívoco. Ele achou que eu era a Honor. Se soubesse que eu era a irmã, nunca teria dito coisas enjoativamente doces e confusas como «Tu enterras-me», imediatamente antes de me enfiar a língua

na boca. Provavelmente, agora ri-se da confusão. Raios, provavelmente acabou por contar à Honor e estão os dois a rir-se disso.

A rirem-se da coitada da Merit que achou que o tipo giro estava interessado nela.

Odeio sentir-me tão envergonhada com isto. Devia ter-lhe dado uma bofetada quando me beijou. Se tivesse, agora ria-me disso com ele. Antes pelo contrário, atirei-me a ele e consumi o máximo daquele beijo, e dele, que consegui. É uma sensação que desejo sentir novamente. É o que me deixa mais transtornada. Era só o que me faltava, ter motivos para invejar a minha irmã. Só de pensar no Sagan a beijá-la como me beijou hoje, fico tão cheia de inveja que o sangue sairia verde se me dessem uma facada.

Sempre receei que acontecesse uma coisa deste género. Que alguém me confundisse com ela e que eu passasse uma vergonha. A sério, a única coisa que nos distingue é o facto de ela usar lentes de contacto e eu não. Não importa o que tenho feito para me distinguir da Honor, incluindo cortar e pintar o cabelo, passar fome, comer demais, parece que pesamos sempre o mesmo, temos o mesmo aspeto, falamos da mesma maneira.

Mas não somos a mesma.

Eu não sou nada como a minha irmã gémea, que prefere corações de cadáveres a corações que batem.

Eu não sou nada como o meu pai, o Barnaby, que virou as nossas vidas de pernas para o ar, simplesmente por causa de uma disputa com um cão.

Eu não sou nada, mesmo nada, como o meu irmão Utah, que passa cada um dos seus dias a ser exteriormente preciso, perfeito e pontual, para compensar todas as imperfeições interiores que vivem no seu passado.

E estou muito longe, completa e indubitavelmente, da minha mãe Vicky, que passa dias e noites no Quarto Quatro a ver a *Netflix*, a lambar o sal às batatas fritas, a viver da invalidez, a recusar-se a

vagar a casa onde o ex-marido e a nova mulher, a Victoria, continuam a viver no andar de cima, principalmente nos Quartos Um e Três.

O medicamento começa a fazer efeito assim que ouço a porta da entrada a abrir-se. A voz do Moby ouve-se no corredor e depois a voz da Victoria, a mandá-lo lavar as mãos antes de lanchar.

Pego nos auscultadores que estão em cima da mesa de cabeceira. Neste momento, prefiro adormecer a ouvir os Seafret do que ao som da minha família.

**«Nem todos os erros merecem ser punidos.  
Por vezes, merecem apenas perdão.»**

Merit Voss tem uma vida pouco normal. Vive numa igreja reconvertida com uma família disfuncional e pouco ortodoxa: a mãe, sobrevivente de cancro, ocupa um quarto na cave, o pai é agora casado com a antiga enfermeira da mãe, o meio-irmão mais novo não pode comer nem fazer nada que seja divertido e tanto o irmão mais velho como a sua irmã gémea, Honor, são a imagem absurda da perfeição. E Merit sente que nunca será assim.

Merit coleciona troféus que não ganhou e segredos de família que é obrigada a guardar. Numa visita a um antiquário em busca do próximo troféu, Merit conhece Sagan, que logo a deixa completamente desarmada e com um novo brilho nos olhos — até ela perceber que ele é inalcançável. Cansada de se sentir invisível, e cada vez mais mergulhada no abismo, Merit decide acabar com a ilusão da família perfeita e revelar a verdade há tanto tempo escondida.

Mas não estará Merit também a esconder a verdade sobre si mesma?

**«Merit é complexa e encantadora no seu combate contra a depressão. E a escrita de Hoover brilha, ao revelar uma luz de esperança numa casa disfuncional.»**

*Booklist*

Leia os outros extraordinários romances de Colleen Hoover:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-69-0



9 789898 917690

Ficção Romântica